



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA
PRESIDÊNCIA
DA REPÚBLICA

NO REAL GABINETE PORTUGUÊS DE LEI-
TURA EM SESSÃO SOLENE DE HOMENA-
GEM AO CHEFE DO ESTADO PORTUGUÊS,
PRESIDENTE FRANCISCO HIGINO CRAVEI-
RO LOPES.

Excelentíssimo Senhor Presidente,

Agradeço à Providência, Excelentíssimo Presidente 433
Craveiro Lopes, ter-me concedido a honra, jamais son-
nhada nos meus humildes dias de jovem, de poder, em
nome do Brasil e na qualidade de presidente da Repú-
blica dêste país que o acolhe jubilosamente, saudar, na
pessoa de Vossa Excelência, a Nação Portuguêsa, nesta
data à glorificação de nossa raça dedicada.

Agradeço a Deus, Excelentíssimo Senhor Presidente 434
Craveiro Lopes, haver-me reservado, e nas condições
excepcionais em que o faço, a incumbência de proclamar,
em forma solene, o orgulho com que nosso povo re-
conhece o imenso papel representado por Portugal na
criação e presença do Brasil no Mundo.

Somos uma nação lusiada, porque frutificamos 435
graças ao espírito de conquista, à ambição fecunda e ao
sentimento de grandeza dos portugueses, nossos ante-
passados.

Somos uma nação lusiada, porque nos conservamos 436
fiéis, através do tempo e a despeito de tantos fatores
adversos, à herança da civilização cristã, em que nos
integramos, a esta língua — patrimônio comum de nossos
povos — em que nos entendemos todos nós.

Não quero repetir, Excelentíssimo Senhor Presi- 437
dente, o que, mais além do que está a meu alcance, já
foi dito e redito por autoridades sem conta acêrca da
identidade que nos liga a Portugal.

Não quero repetir ter nascido de sementes lusiadas 438
a árvore brasileira; que aos portugueses coube a tarefa
de ter promovido a unidade e a posse desta Nação, tão
rica nos seus aspectos geográficos, que é bem mais um

continente do que um país; e também que a alma brasileira recebeu na sua hora batismal o sôpro da alma portuguesa; que estamos ligados pelo amor ao mesmo Deus e por igual sentimento de família. Não há no Brasil quem não saiba, reconheça, verifique e aprecie tão grandes evidências. É por tudo isso, e mais ainda, que os lustres e as glórias de Portugal nos comovem e envaidecem, a nós, brasileiros, como os agravos e injustiças a Portugal nos magoam e ferem.

439 Toda essa condição de intimidade fraterna dispensa comentários, como se a estivéssemos a descobrir. E tanto dispensa, que juntos podemos comemorar, portugueses e brasileiros, êste dia, glorificando a nossa comum fonte humana, simbolizada na figura sem par de Luís Vaz de Camões.

440 Nobre povo que, na exaltação de um Poeta, pode exaltar a sua raça, e que no mar da poesia poussa a sua própria imagem.

441 Excelso povo que serviu de modelo e é a substância de um poema imortal, que o tempo não logrou desfigurar ou envelhecer, poema que paira tal como um pássaro de asas abertas, a seguir a Nação Portuguesa aonde quer que vá, na sua viagem para o dia de amanhã.

442 Feliz povo em que a glória da raça se confunde com a glória da poesia.

443 Venturoso povo, a quem coube a graça de ter podido oferecer ao patrimônio das criações espirituais da cultura universal tão imenso e celebrado canto.

444 Chefe de Estado brasileiro, recebendo um Chefe de Estado Português, nesta Casa veneranda, voltada e devotada ao saber e aos livros, aqui nos identificamos na representação de todos os que falam a nossa língua, estejam onde estiverem, — em Goa, na África, nas ilhas atlânticas, nos diversos rincões do meu país, em não importa que aldeia portuguesa —, para uma homenagem comovida ao Poeta, sublime e altivo, que soube fixar num monumento mais duradouro que o bronze, — “mo-

numentum aere perennius” — relembrando Horácio, a heróica, e incomparável virtude do amor à Pátria.

Os Lusíadas são, na verdade, o mais veemente hino ao patriotismo dos portugueses, nossos maiores; e porque descantam o que há de profundamente enraizado e forte em um povo; e porque enobrecem e celebram um sentimento que haverá de conservar-se intato e palpitante neste planêta, enquanto houver um só lusíada, jamais deixarão de ser atuais, vivos, os dez cantos que narram tantas aventuras, venturas e desventuras.

Nenhuma raça à portugêsa se sobrepõe no amor à pátria. O patriotismo é a razão de ser, a explicação dos sucessos, das resistências oferecidas pelo destino que, adverso tantas vêzes no seu longo percurso, deparou tempestades e calmarias que a nau portugêsa soube enfrentar com coragem e decisão.

São os lusitanos uma afirmação singular de amor às suas raízes, amor que vos mantém invictos, a vós, portugueses, a quem, com a devida vênia do Excelentíssimo Senhor Presidente Craveiro Lopes, me dirijo diretamente.

É o patriotismo o vosso escudo e a vossa bandeira, ao sinal precípua da vossa nobreza. É ao patriotismo, ao amor ao berço, que não comporta limitação, que Portugal deve as páginas de sua história, o ânimo com que suportou tempestades, embates, lutas ferozes, a conjuração de tantas fôrças contrárias empenhadas em massacrar o “bicho da terra tão pequeno” e, ao mesmo tempo, tão grande pelo heroísmo, pela vontade indômita, pela coragem de enfrentar a nuvem que vinha tão “temerosa e carregada que pôs nos corações um grande medo”.

É graças ao patriotismo português que aqui está o Brasil; é graças ao patriotismo português e a seu espírito de renúncia que foi possível tornar-se realidade a operação milagrosa de rejuvenescer uma nação, que parecia excessivamente voltada para a contemplação do passado, tornando-se empreendedora, organizada, dinamizada,

ativa, moderna nas técnicas de exploração agrícola e industrial — Nação de hoje, bem de hoje.

450 Foi o patriotismo português que não só levou os guerreiros às lutas violentas, já distantes no tempo, e às batalhas dos nossos dias também, como as de que participou Vossa Excelência, Excelentíssimo Senhor General Craveiro Lopes, como operou o milagre de transformar e vivificar o Portugal de agora, país fecundado pela energia, pela vontade, pela disciplina, pelo estoicismo, pela sobriedade, pela renúncia de prerrogativas de pessoas a favor das prerrogativas da Pátria.

451 Não será mais possível tratar do heroísmo português de antanho sem que se mencione o dos dias atuais, que possibilitou substancialmente a obra de um homem silencioso, mas que sabe falar admiravelmente quando o silêncio deve e tem de ser interrompido. Ao Doutor Antônio de Oliveira Salazar, deve Portugal a sua conformação à realidade, que é uma página a mais daquela bravura que se nutre da coragem de vencer peijas, não nos campos de batalha, mas nos campos do trabalho.

452 Sem dúvida, poucos povos trabalham tanto quanto os portugueses: trabalham no mar, arrancando d'ele o que as águas guardam; e na terra, tirando dela os frutos que pode produzir; nas pequenas ou nas grandes cidades, ei-los exemplares, afanosos, insensíveis até às intempéries, enobrecidos pelo labor.

453 Há terras que mantêm seus filhos; outras que são por êstes mantidas. Portugal deve aos seus humanos frutos o que foi, o que é e o que será amanhã.

454 Num território exiguo, embora favorecido pela natureza, criou-se um país admirável, que impôs respeito em mar e terra, dilatou fronteiras e gerou outra pátria, esta em que Vossa Excelência se encontra, Excelentíssimo Senhor General Craveiro Lopes, Presidente da República de Portugal, a quem não posso designar como de Chefe de Estado de uma Nação estrangeira, sem ter de contrariar uma realidade íntima, partilhada por milhões de brasileiros.

Temos de curvar-nos diante de episódios e feitos gloriosos, muitos dêles comuns aos nossos dois países; temos de louvar o milagre dêste amor que moveu Viriato, Egas Moniz, Nun'Alvares, dêste amor que veio conhecendo altos e baixos, horas de esplendor e momentos de desalento, vêzes em que a Pátria parecia mergulhada em "vil cobiça" e "vã tristeza"; mas no cuidar do que se passou, no rever tantos e tão belos quadros da história, momentos de aflição ou de contentamento que juntos vivemos, não nos deve esquecer tratarmos do presente. 455

Entre Portugal e o Brasil não há sòmente passado para cultuar, placas por inaugurar, palavras que pronunciar com maior ou menor solenidade, mas também coisas que cumpre fazer para cada vez mais estreitamente uni-los. 456

Consubstanciando êste anseio de efetivar atos positivos, foi assinado em 1953 um Tratado de Amizade e Consulta, documento de capital importância para entendimentos das relações dos dois países. 457

A execução dêsse Tratado, aspiração da comunidade luso-brasileira, estava a depender de providências de caráter prático e de disposições regulamentares a serem aprovadas pelos governos das duas nações. 458

Depois das demoras inevitáveis, encaminha-se êle para conclusão rápida. Será uma das mais proficuas conseqüências da visita de Vossa Excelência, Excelentíssimo Senhor Presidente. Que o amor, que hoje nos entrelaça mais do que nunca, sirva para dar tôda a utilidade a essa aspiração de vida e trabalho comuns que constitui o espírito do Tratado e nêle se espelha. 459

Mas já terei talvez excedido, Excelentíssimo Senhor Presidente Craveiro Lopes, os limites de uma simples saudação, que me honra dirigir a Vossa Excelência, neste Real Gabinete Português de Leitura. 460

Já ao fim percebo que o muito bem-querer me levou a deixar de exprimir o melhor do que pensam e, principalmente, do que sentem os brasileiros dos portugueses; 461

o que é o Portugal de sempre — o de ontem e o de hoje — para o Brasil, seu filho dileto. Mas o que nas minhas palavras não ficou dito, ou o que eu não soube dizer bem, Excelentíssimo Senhor Presidente, que Vossa Excelência o complete, não apenas suscitando a presença das expressões que me faltaram, senão ainda suprimindo o mais com a compreensão da sua alma de insigne lusíada, homem de guerra, por formação, homem de paz, por vocação profunda.

462 Antes de encerrar este discurso que desejei fôsse mais sincero do que primoroso, que nos seja permitido voltarmos-nos todos reverentemente para os vultos portugueses, aos quais deve o Brasil a sua própria personalidade. Nesta hora de exaltação à Raça, que louvemos e glorifiquemos os que geraram o Brasil, os que fizeram irmanadas no passado e no presente as duas Pátrias, os que vieram, desde os tempos longínquos, até os dias de hoje, tecer a unidade nacional brasileira.

463 Neste dia de Camões, vale dizer, do povo luso, quero saudar os que trabalharam para que o Brasil nascesse e crescesse: não apenas os homens de prol que Portugal nos mandou, desde a hora da alba desta nacionalidade, não apenas os de alta estirpe intelectual que projetaram os dois países no plano político e cultural — como, entre numerosos, estes dois vultos aos quais desejo prestar também respeitosa homenagem, o grande Antônio Vieira, homem de gênio, e o lúcido e sutil Alexandre de Gusmão, este aqui nascido, a quem o Brasil e Portugal tanto devem — mas saudar e agradecer ainda aos anônimos, que são uns e outros “barões assinalados”; sim, aos anônimos que, incessantemente através dos séculos, se elevaram à estatura dos seus maiores, renovando a nossa própria essência e lutando para que chegássemos a ser o que somos hoje.

464 Saúdo a Vossa Excelência, Excelentíssimo Senhor General Presidente Craveiro Lopes, e, na pessoa de Vossa Excelência, a nação portuguesa, o povo português, a perene e paterna terra de Portugal.